

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Bruna Carolini Biasi

É O TEMPO DE ABRIR A JANELA, OLHAR A CATÁSTROFE E INOVAR:
ESTUDO SOBRE AS MUDANÇAS NA UNICAMP.

Campinas
2021

Bruna Carolini Biasi

É O TEMPO DE ABRIR A JANELA,
OLHAR A CATÁSTROFE E INOVAR:
ESTUDO SOBRE AS MUDANÇAS NA UNICAMP.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação (FE) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como parte dos requisitos para obtenção de título de licenciatura em pedagogia.

Orientador: Prof. Dra. Carolina Roig Catini

Campinas
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

B47e Biasi, Bruna Carolini, 1992-
É tempo de abrir a janela, olhar a catástrofe e inovar : estudo sobre as mudanças na Unicamp / Bruna Carolini Biasi. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Carolina Roig de Catini.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Universidades e faculdades. 2. Inovação curricular. 3. Empreendedorismo. I. Catini, Carolina de Roig, 1981-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: It's time to open the window, look at the catastrophe and innovate: study about the changes at Unicamp

Palavras-chave em inglês:

University

Innovation

Entrepreneurship

Área de concentração: Educação

Titulação: Licenciada em pedagogia

Banca examinadora:

Lalo Watanabe Minto

Carolina Roig de Catini

Data de entrega do trabalho definitivo: 12-12-2021

Agradecimentos

Só tenho a agradecer a toda a minha galera, nenhum momento senti que escrevi sozinha, em qualquer angustia vinha na mente cada figura, só tenho a agradecer, por essas pessoas serem o que são e eternizarem em mim.

Carol obrigada pela experiência formativa da escrita desse texto, assim como Lalo, obrigada por topar participar desse momento, guardarei toda a generosidade e camaradagem, nos textos, nas lutas e nos sorrisos...

Vitor, seu coração é tão grande, que ele se espalha e esparrama nesse texto, meu primerissimo leitor, que em vários de nossos papos, me ajudou a pôr no papel aquilo que só ficava nas nuvens. E a Débora a mulher mais incrível do mundo, meu coração vai sempre te recordar, assim como Carol Flor, Manoel e Gabs, sem palavras.

Para fechar os agradecimentos aos meus criadores, Rinaldo e Cida, as pessoas mais fortes que eu conheço, assim como os abraços fortes pela minha irmãzinha Ana e irmãozinho André, seguimos...

Em momentos de desespero ligava para minha mãe e ela dizia “viva o agora!” Toda certa me colocava de volta ao presente, neste sentido esse trabalho foi um momento de respiro, e agora graduada como sou, me sinto até metida para analisar a universidade que me formou.

Boa leitura!

*Pela harmonia universal dos infernos,
chegaremos a uma civilização.*

Terra em transe

RESUMO

O presente texto apresenta elementos para pensar criticamente as mudanças em curso na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a partir de sua proposta de Inovação. O principal objeto de estudo da pesquisa foi a Agência Inova, analisada a partir de fontes documentais, sobretudo com materiais de seu próprio site, mas também de matérias de jornais e sites externos à Universidade. Com base em notícias, regimentos, textos, observação da composição dos conselhos, análise de conteúdos de eventos e disciplinas ligados à Agência Inova, o texto apresenta uma análise crítica do sentido da inovação e empreendedorismo na Universidade.

Palavras-chave: Universidade, Inovação, Empreendedorismo.

ABSTRACT

This text presents elements to think critically according to the ongoing changes at the State University of Campinas (UNICAMP), based on its Innovation proposal. The main object of study of the research is the Agência Inova, analyzed from documental sources, mainly with materials from its own website, but also from articles and websites external to the University. Based on news, regulations, texts, observation of the composition of councils, content analysis of events and disciplines linked to Agência Inova, the text presents a critical analysis of the meaning of innovation and entrepreneurship at the University.

Key Words: University, innovation, entrepreneurship.

SUMÁRIO

1	Introdução.....	1
2	Agenciamento da Inovação ou Jornada da Inovação Universitária.....	3
3	Um “flash” de inovação e empreendedorismo.....	7
4	Universidade empreendedora.....	10
5	Unicórnio cavalgando na Universidade.....	14
6	“Innovate or Die”?.....	20
7	Concluindo.....	27
	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

A ideologia não está fora de nós como um poder perverso que falseia nossas boas intenções: ela está dentro de nós, talvez porque tenhamos boas intenções.

Marilena de Souza Chaui

Tentarei fazer crítica, como na universidade todo mundo diz que faz crítica, ao mesmo tempo em que acredita fazer um bem danado para a sociedade, resolvi olhar a própria universidade e estudar sua perspectiva de inovação. Essa decisão se deu em função do fim de uma ilusão com a universidade tal como imaginária que seria. Mas cai do cavalo e nesse trabalho de conclusão de curso tentarei escrever com as pessoas que também caíram.

E lógico que há também um motivo maior, se eu não escrever, eu não recebo o meu certificado e não me formo.

A palavra Inovação está em nosso cotidiano, e ela diz muita coisa, mas pode também não explicar muita coisa. É usada em infinitas circunstâncias como: “Inovei a minha casa pintando ela de marrom alaranjado”, “inovei no meu visual” ou “as escolas estão inovando na pandemia”. Enfim... ela já está aí no imaginário das pessoas e remete a um sentido de ação, da necessidade de fazer algo, e que seja para melhor. Sua origem vem do latim INNOVARE, “renovar, mudar”, de IN-, “em”, mais NOVUS, “novo, recente”¹, ou seja, ela carrega essa coisa de uma novidade, transformação, mas também é carregada de certa positividade, de uma certa glória repentina. E quem não quer mudar o hoje?

O “novo” aparece de forma imperativa: Inova! A necessidade de mudança da universidade será analisada aqui pela análise dos documentos da Agência Inova da Unicamp. O exercício da crítica se dá por dentro de seu modo de apresentação, observando em que pontos os discursos podem ser lacunares. Marilena Chauí (2016) observa que as lacunas são imprescindíveis às ideologias, uma vez que elas ocultam a gênese dos processos, expondo sua proposta pela

1 Santiago, Jr. Matéria publicada no site A Crítica, 2016.

naturalização, portanto

a lógica ideológica é lacunar, ou seja, nela os encadeamentos se realizam não a despeito das lacunas ou dos silêncios, mas graças a eles; por outro lado, sua coerência depende de sua capacidade para ocultar sua própria gênese, ou seja, deve aparecer como verdade já feita e já dada desde todo o sempre, como um “fato natural” ou como algo “eterno” (CHAUI, 2016, p. 247).

E como uma das formas de destruir as lacunas é historicizar os processos, Silva (2009) contextualiza a universidade em dois momentos modernizadores: no primeiro liberalismo era baseado na ideia de “ilustração” vinda do humanismo, da formação das elites dirigentes, sendo a estudante como fim da educação, para o liberalismo atual como uma “tecnocracia”, a estudante vira um meio, um mero equivalente abstrato, tal qual, na “ideologia contemporânea”, diz Marilena Chauí,

Na ideologia contemporânea, o elemento “consciência” já não exerce qualquer papel, tendo sido substituído pelas ideias de eficiência e de competência no interior dos quadros definidos pela organização.” Chauí (2016, p. 254)

Ideia semelhante à noção de inovação que é usada da Universidade foi escrita por Schumpeter (1997), autor austríaco da primeira metade do século XX, reconhecido por suas contribuições ao pensamento econômico e ao tema da inovação. O autor coloca a importância da Inovação como o motor para as sociedades capitalistas saírem do momento do ciclo de crise do capital. A Inovação entra com força, pois no momento da concorrência intercapitalista, a crise aparece também, devido a redução dos ganhos das empresas. Assim, a inovação e a tecnologia aparecem como solução por meio da alteração nos meios de produção. Tal processo induziria uma vantagem competitiva, revigorando o sistema e trazendo uma nova dinâmica para o desenvolvimento capitalista. Para o autor, o processo de desenvolvimento capitalista se caracteriza por essas sucessivas fases de crise e Inovação

Neste sentido, a inovação é a capacidade de gerar vantagens competitivas e introduzida na universidade aparece como atribuição dela o papel de induzir o processo de inovação na empresa. Não obstante, na verdade, é a empresa quem inova. A Agência Inova atribuiu essa missão para si, de gerenciar a inovação empresarial, conectando agentes da universidade para as demandas das empresas, levado consigo toda a Unicamp, englobando quem aderiu e quem não aderiu, por decisão, a esse projeto.

2 AGENCIAMENTO DA INOVAÇÃO OU JORNADA DA INOVAÇÃO UNIVERSITÁRIA

A Agência Inova da Unicamp foi criada em 2003, formada no Gabinete do Reitor Carlos Henrique de Brito Cruz, por meio da Resolução GR-051/2003, que é anterior à Lei de Inovação² e ação pioneira nas universidades públicas. Como o nome sugere, a Agência Inova tem como objetivo gerenciar, isto é, ser a engrenagem que junta todas as tecnologias já existentes na Unicamp, mas também criar uma cultura universitária que atenda as demandas do mercado pela inovação. Diz o Artigo 1º da resolução de 2003:

Fica criada a Agência de Inovação da Unicamp, junto ao Gabinete do Reitor, com a seguinte missão: Fortalecer as parcerias da Unicamp com empresas, órgãos de governo e demais organizações da sociedade civil, criando oportunidades para que as atividades de ensino e pesquisa se beneficiem dessas interações e contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do País (2003).

De acordo com a notícia “15 anos de inovação”, o modelo da Agência Inova foi fundamentado em um grupo de discussões criado pelo próprio reitor Brito Cruz. Na reportagem, se mostra esse ambiente com muito brilhantismo, pela vocação para a inovação, tirando da cartola a ideia de criar mais um órgão na universidade. Maria Beatriz Bonacelli, que fez parte do grupo de discussões diz que

Em países como o Brasil, as universidades são ponto central desse ecossistema. Então, recaiu sobre nós o peso importante da validação dessas atividades e como promover uma maior interação universidade-empresa”, completa a docente³ (EWERS, 2018).

A universidade se mobiliza agora conforme determinações do mercado financeiro, de modo que a vocação de validação da FORMA-EMPRESA esteja hoje se manifestando em sentido máximo. Essa forma tem se infiltrado em vários segmentos do ambiente de trabalho, mesmo em ambientes do funcionalismo público, no qual existem hierarquias, docentes com cabeça de patrão, e o nosso ritmo de trabalho é ditado pelas máquinas ou pelo seu automatismo produtivista. Para a

2 Lei de Inovação Nº 10.973, DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004. Art. 1º Esta Lei estabelece medidas de incentivo à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo, com vistas à capacitação tecnológica, ao alcance da autonomia tecnológica e ao desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional do País” (Brasil, 2004).

3 EWERS, Juliana. 15 anos de inovação. 2018

consolidação desse projeto, foram necessárias mudanças na política de governança que correspondam a essa velocidade e modelo de gestão. Portanto, são estratégicas as mudanças de alguns segmentos burocráticos da universidade, e de acordo com Eduardo Gurgel do Amaral, atual diretor do Parque Científico tecnológico

Essa era uma ruptura considerando a política de governança da Universidade. É por isso que sempre reforço o quanto esse projeto da Inova Unicamp foi muito moderno e ousado (EWERS, 2018).⁴

Nessa mesma reportagem, “15 anos de inovação”, Amaral declara que na época da criação do Inova, ele nem imaginava ter um parque tecnológico dentro do campus, mas esse fato não é o que mais o surpreende, e sim o fato de ter se tornado um agente para fomentar ações e ser um exemplo a ser seguido, realizando iniciativas no Estado. Por exemplo: em 2007-2012, realizou projeto InovaNIT⁵ ministrando 49 cursos, com 965 participantes com 312 instituições diferentes⁶, com financiamento do FINEP⁷ (Financiadora de estudos e projetos, criada em 1965 pelo ditador Castelo Branco, organização tem como visão hoje a de transformar o Brasil por meio da Inovação).

Estes dados revelam como a Inova se vangloria por ser pioneira na modernização e na articulação de soluções das demandas do mercado na universidade e, além disso, por ser replicadora do que podemos chamar de sua vocação, voltada a públicos específicos e externos à Unicamp.

Na Reportagem de 2015, “Da academia para o mercado⁸” se diz que a Cargill, empresa do setor alimentício, precisando regular seus produtos com novas legislações “recorreu aos cérebros

4 Idem 3

5 Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT), também é um dos possíveis nomes para dizer sobre esse órgão criado na universidade para fazer a gestão das relações entre institutos de pesquisa e o setor produtivo. No caso da Unicamp é conhecido como o Inova Unicamp. Enfim, em todo material pululam nomes bonitos para falar de privatização da universidade pública.

6 Idem 3

7 Em 8 de março de 1965, através do Decreto Nº 55.820, assinado por Humberto de Alencar Castello Branco, Otávio Gouveia de Bulhões e Roberto de Oliveira Campos, é criado o “Fundo de Financiamento de Estudos de Projetos e Programas - Finep”. O Finep, que é contábil e operado pelo então BNDE, é destinado a financiar os estudos e programas necessários à definição dos projetos de modernização e industrialização e conta com recursos do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento e da USAID, United States Agency for International Development. <http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/historico>.

8 Matéria publicada no site Página 22, 2015, s/d.

da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) para achar uma solução viável”. E cai para nós, cérebros em desespero, cumprir as metas empresariais com alta eficiência e eficácia, e sobretudo com docilidade e autocontrole, mudando a relação da universidade com o tempo de pesquisa para as demandas da produtividade capitalista com alta demanda técnica, assim como um autômato facilmente substituído. Neste sentido, é preciso considerar criticamente que

Quanto mais heterônomo é esse trabalho, do ponto de vista do indivíduo que trabalha, maior é a possibilidade de sua substituição; ou se preferirmos, a heteronomia crescente da docência é a porta de entrada para sua superfluidade e, neste caso, para a incorporação crescente de tecnologias. Por isso, o esvaziamento do trabalho docente é um processo concomitante à tendência de substituição por máquinas/tecnologias na educação (MINTO, 2021, p.9).

Com certeza alguém se beneficiará com essa relação, mas não parece que será a classe trabalhadora e povos oprimidos. A história não é uma corrente que nos leva para frente, como diria Walter Benjamin (1987) nas suas “Teses sobre o conceito de história”, mas essas correntes são o desenvolvimento e progresso técnico. Nessa mesma tese, Benjamin carrega, com Marx, os elementos relativos à contraposição entre as relações de produção e suas modificações históricas. Nunca fomos tão ricos e tão pobres, cada vez mais, cada “progresso” das coisas, isto é, dos produtos do trabalho humano, faz aprofundar os retrocessos nas formas de vida. Mas o pensamento dualista, já duramente criticado por Chico de Oliveira (2003) para analisar o caso brasileiro, permanece desconsiderando a mútua dependência entre os polos antagônicos dessa equação. Enfim... Progresso e retrocesso andam juntos desenvolvendo, mas desenvolvendo o quê? Será que estamos nadando a favor de quais interesses quando promovemos essa relação universidade-empresa?

Podemos encontrar elementos para responder a essa questão a partir do discurso conciliador das “vantagens para os 2 lados”, na reportagem “O empreendedorismo na universidade” de 2013.

Se, por um lado, as universidades ganham com a obtenção de recursos e possível aumento da relevância da pesquisa acadêmica – e seus alunos com melhores possibilidades de emprego – as empresas também se beneficiam da relação. Dentre as mais importantes vantagens para as empresas estão o acesso a recursos humanos qualificados, laboratórios e instalações, e conhecimento antecipado de resultados de pesquisas. Todos esses fatores contribuem para que o processo de desenvolvimento de novas tecnologias seja feito de modo mais rápido e eficiente. ⁹(AGUIAR, 2013)

9 Publicação no site Inova, em 10/07/2013, “O empreendedorismo em universidades”, por Ricardo Schinaider de

Em contraposição a essa tese, as posições críticas consideram que as vantagens tendem a se concentrar no lado mais forte dessa relação, como dizem Carolina Catini e Gustavo Mello (2021):

A paixão antiga e conflituosa entre o público e o privado, entre a universidade e o capital, vai se resolvendo agora por força de uma suposta “inovação” da universidade, mas cujos atos são dirigidos pela busca da empresa totalitária, num processo que deve ser lido como subordinação corporativa da educação ao capital.

A “Inovação” pinta de tom amarelo e dá luz às relações que já ocorriam entre universidade e as empresas, ampliando e radicalizando a presença da forma empresarial, não mais como lógica de gestão, mas com o controle empresarial dos processos de trabalho. Neste sentido, a reitoria e o conjunto da tecnocracia da Unicamp legitimam e aprovam uma política institucional que leva o seu próprio fim, o fim de uma forma universitária. E será que no fim da ladeira, ainda restará universidade?

3 UM “FLASH” DE INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO

Pela dificuldade de pintar as nuvens, ver de imediato a totalidade e pelo fato de a Agência de Inovação estar em constante mudança, é mais sensata a tentativa de pegar instantes carregados de tensões, como nos sugere Walter Benjamin (1987) em suas “Teses sobre o conceito da história”, no sentido de agarrar o instante que nos leva a visualizar o todo dessa sinergia do Inova e a sua função empreendedora.

Nas informações disponíveis no endereço eletrônico da Inova¹⁰, é possível encontrar informações acerca da divisão das diretorias da Inova: Diretoria-executiva, Diretor associado, Diretoria do Parque Científico e Tecnológico da Unicamp, Diretoria de propriedade intelectual, Diretoria de parcerias, Diretoria de Relações Institucionais. E no site do inova o menu empreendedorismo apresenta suas empresas-filhas, Unicamp Ventures, Incamp, e disciplina ofertada pelo Inova, “Propriedade Intelectual, Inovação e Empreendedorismo: Temas Contemporâneos” sob a responsabilidade da Pró-Reitoria de Graduação. Outras disciplinas existentes na Unicamp também estão divulgadas no site: Empreendedorismo na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA), Energia, Inovação e Sustentabilidade no Instituto de Geociências (IG), Propriedade Intelectual, Inovação e Empreendedorismo na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), Tópicos em Engenharia de Produção na Faculdade de Engenharia Mecânica (FEM).

Sobre outras disciplinas ofertadas na Unicamp, é importante notar que em alguns institutos a entrada de disciplina no currículo relacionada ao empreendedorismo são recentes, na Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), por exemplo, entrou em vigor em 2020, de acordo com essa reportagem, que por sinal, estão comemorando a premiação da unidade pelo destaque em Proteção da Propriedade Intelectual em 2019.

Entre as mudanças na Faculdade, está um novo currículo para os cursos de graduação, que entrará em vigor em 2020 e vai contemplar o empreendedorismo e a sustentabilidade na Engenharia de Alimentos. Outra abordagem da Faculdade é o estímulo à participação de alunos e docentes no Desafio Unicamp¹¹ (KISHI, 2019).

10 O acesso ao site foi realizado dia 21 de outubro de 2021.

11 Disciplina de empreendedorismo na engenharia de alimentos. Por Kátia Kishi. 2019.

O incentivo ao empreendedorismo é uma das bandeiras das Agências de Inovação espalhadas em várias universidades públicas no Brasil. A Agência Inova Unicamp tem fomentado e criado frentes para a sua atuação, como o “Desafio Unicamp”, sendo “que já foi reconhecida como melhor prática inovadora do país pelo Ranking de Universidades Empreendedoras de 2019”, comenta Ana Frattini, atual diretora-executiva da Inova¹². Não é demais lembrar que estar no topo do ranking não quer dizer nada para quem vive o cotidiano da universidade, além de representar essa produtividade refletida em índices e possibilidade de propagandear algo que gere mais dinheiro e chame mais investimentos. Mas tem uma magia nisso tudo, que deve ser sentida por quem arrecada fundos mais do que por quem estuda e trabalha nas funções de ensino, pesquisa e extensão, que dão fundamentos à vida universitária. Ou, pelo menos, davam até então.

O Desafio Unicamp em 2021¹³ já estava na sua 11ª edição em 2021, e trata-se de uma competição, um “modelo de negócios baseados em tecnologia da Unicamp”. O objetivo principal é estimular a criação de empresas spin-off¹⁴, a partir de patentes da Unicamp. Para isso, capacita os participantes em metodologias de modelagem de negócio e apresenta o empreendedorismo tecnológico como opção de carreira. A competição “é nacional, gratuita e destinada a alunos de graduação, pós-graduação e demais interessados em empreendedorismo e inovação” e o desafio foi criado para estimular a competição para os negócios, e como motivação premia os integrantes da melhor equipe com 3 mil reais, em reconhecimento pela capacidade de inovar.

Mas é preciso fazer uma nota metodológica, pois chega um momento da pesquisa documental em que não é possível saber se os caminhos da investigação poderiam nos revelar as verdadeiras finalidades da Agência Inova, pois tudo começa a ficar meio parecido pelas palavras repetidas e vazias que falam em “sinergia empreendedora”, “ecossistema empreendedor”, e tanta coisa que qualifica a ação “empreendedora” como um esforço de criação de uma nova identidade, como se ela se explicasse por si só e indicasse o horizonte natural da inovação, que, de tão evidente, não precisa ser explicado. O importante parece ser que não haja nenhuma referência ao passado e à história e remeta-se somente a um futuro modernizado.

12 Matéria 2021 KISHI, Kátia. Faturamento de empresas-filhas da Unicamp dobra e chega a 16 bilhões de reais. 2021.

13 Conforme matéria no site da UNICAMP publicada em 10/03/2021.

14 Spin-offs são um tipo de startups, mas criadas a partir de resultados de pesquisas ou tecnologias criadas na unicamp, com ou sem propriedade intelectual. E acredita-se que dessa forma aumenta a vantagem competitiva.

E o que tem de tão potente no empreendedorismo na universidade? Segundo a Inova, “por meio do empreendedorismo estimulado em universidades, está sendo quebrada a barreira cultural que separava o mundo acadêmico das empresas”¹⁵ (AGUIAR, 2013).

O sentido da introdução do empreendedorismo como conteúdo e prática da formação universitária fica clara quando lemos o depoimento de um ex-aluno da Unicamp e vencedor do Desafio Unicamp de 2012, que diz: “não se nasce empreendedor, se aprende a ser um”¹⁶. O caráter educativo do empreendedorismo ganha aqui uma relação trágica com a crítica das naturalizações das relações capitalistas, sobretudo quando pensamos na citação sem aspas que o vencedor fez, de Simone de Beauvoir, com a frase que abre o livro Segundo Sexo II: Segundo Sexo II: “NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher”. Como diz Arantes, o capitalismo é mesmo “uma máquina de produzir insignificância” (2021, p.33). E aqui vale a pena uma consideração acerca do esvaziamento da crítica promovida pelo avanço da naturalização do empresariamento e do empreendedorismo. Pois a expressão de Simone de Beauvoir queria denunciar que não existe uma essência feminina, desnaturalizando sua condição que é construída socialmente nessa relação com o Outro, e esse outro é o homem, num estudo que traz a discussão da centralidade da opressão de gênero como geradora de identidade. E então, nesse lodo de palavras que vão se “inovando”, e invertendo os sentidos da crítica, em seus contrários, vai se moldando a noção e subjetividade do ser empreendedor como forma natural de estar no mundo, ou melhor, de se adaptar às exigências do novo mundo do trabalho. Numa busca simples no Youtube, por exemplo, é possível observar que aparecem vários vídeos que usam como título a expressão: “ninguém nasce empreendedor, torna-se um”. Em tais materiais, e pode-se saber que são muitas pessoas de sucesso, muitos até usando gravatas, que enfrentaram muitas dificuldades, mas que, com esforço, se superaram e superaram todas as dificuldades ao “saírem de sua zona de conforto”. Com eles se aprende que é preciso se manter sempre em movimento. E nunca, nunca parar no sinal vermelho.

15 O empreendedorismo em universidades. Por Ricardo Schinaider de Aguiar 10/07/2013.

16 OLIVEIRA, Thais. Meu maior aprendizado com o Desafio Unicamp foi: Não se nasce empreendedor, se aprende a ser um”, comenta Thierry Marcondes, vencedor em 2012.

4 UNIVERSIDADE EMPREENDEDORA

A universidade não é um “ente” isolado da sociedade, mesmo historicamente descolada da sociedade, ela se modifica diante do seu tempo histórico. Para Silva (1997), tanto a universidade liberal como a neoliberal, fazem parte de projetos modernizadores, o primeiro momento diz de uma missão da universidade de formar a elite dirigente, para a qual o projeto político pedagógico foi concedido por “iluminados”, para a “regeneração da sociedade” tirando assim o Brasil do atraso das oligarquias rurais. E no período neoliberal, a universidade se tornou alheia qualquer projeto emancipatório, para dar conta da agenda econômica do centro do capitalismo “Adequação da instituição à planificação racional em escala maior”, como afirma Silva (1997, p. 25), trocando o projeto de ilustração por tecnicismo: “os liberais ilustrados conceberam o projeto inaugural da universidade, os liberais tecnocráticos formularam o projeto terminal da Universidade” (idem).

O projeto é terminal justamente por se justificar pensando no presente, em que planificação e racionalização do primeiro mundo não deixa rastro de possibilidades de vivência que não a lógica da avaliação, cumprir metas, preencher o lattes, ou seja, nesse período a burocracia tornou a principal atividade, e como diz Tragtenberg (2009), e os meios se tornaram o fim.

Mas é bom ressaltar que a distinção, como afirma Chauí (2016), não nos permite tomar partido de um modelo de universidade em detrimento do outro, ou querer trazer a universidade ilustrada do passado, pois tanto um modelo como outro são ideológicos. Então, tomar a história da universidade vem no sentido de entender as necessidades sociais de cada época, e como a Unicamp está respondendo a altura de seu tempo.

O lema da universidade da nova república era a “recuperação da capacitação tecnológica” (Silva, 1997, p. 24). Para demonstrar essa noção de universidade, o autor no texto apresenta a divulgação do plano de metas formulada em 1997 pela CAPES:

para poder atingir sua independência econômica, científica e tecnológica no próximo século, o Brasil precisa cuidar já, e muito seriamente, da formação da sua base científica, isto é, precisa formar seus cientistas em quantidade, qualidade e perfil adequados ao seu modelo de desenvolvimento (CAPES, apud Silva, 1997, p. 24)

A recuperação e a nova modernização no país se dava por essa suposta “recuperação” do tempo vergonhoso que foi a ditadura civil militar. No entanto, com o avanço do projeto neoliberal que se deu em conjunto com a redemocratização, combinou um avanço no sentido do acesso à universidade se ampliar com a planificação técnica exigida. Com isso, a noção de gestão universitária se altera e passa a se equivaler a qualquer outra prática de administração, com prevalência da forma empresarial. Como equivalente administrado, a universidade passa a ser apresentada por seu “DNA” mercadológico:

Esse relacionamento estreito com o setor produtivo vem desde a origem da universidade, com o conceito pensado pelo nosso primeiro reitor, o Prof. Zeferino Vaz. Está no DNA da Unicamp pensar em ciência pura, mas também vislumbrar a aplicação do conhecimento às necessidades do mercado. Analisou o professor Milton Mori em uma palestra realizada entre DITEC- Departamento de Inovação e Tecnologia do CIESP-Campinas e Agência Inova Unicamp (2017)¹⁷

Numa primeira análise do trecho da matéria é sobre a “ciência pura”, o professor Milton Mori (2017) pode-se observar a naturalização de um projeto de universidade que liga a ciência pura com as necessidades do mercado, como se o papel da ciência fosse apenas legitimar a existência de uma classe dominante, uma vez que a produção científica e tecnológica pode ser subordinada ao setor produtivo. Considerando que essa fala foi proferida em um evento em parceria com a CIESP - Centro Das Indústrias do Estado De São Paulo, um lugar de negócios em que o discurso está intimamente relacionado com a necessidades de “vender seu peixe”, é coerente dizer que está no DNA da Unicamp sua função Inovadora para atrair investidores. Neste sentido, seria inocente acreditar na possibilidade de que poderia haver um outro discurso, além do que satisfaça “os homens de negócios” (Schumpeter, 1997). Mas seria também ideologia acreditar que a Universidade tem a vocação de empreender, com perigo da total assimilação: o perigo de acreditar. Pois a Universidade apresenta também contradições de classe e conflitos de projetos políticos, pois existem pessoas pensando, gerando conhecimento, e construindo análises críticas. O problema é que desse lado, a produção de conhecimento não se torna rentável.

E com a falta de recursos públicos, cortes orçamentários para a pesquisa, diminuição de

17 Notícia não assinada no CIESP-Campinas

verbas para a permanência estudantil, se justifica a criação de fundos privados e mudança na lógica de aplicação financeira, que passa a se basear na rentabilidade advinda da ação de “investir em pessoas, ideias e projetos na UNICAMP”¹⁸. O Fundo Lumina aprovado pelo Conselho Universitário (Consu) em setembro de 2019¹⁹, já trazem si uma ideia positivada de iluminação, com a doação adjetivada fazendo referências à constelações com medida de valores, pois cada contribuição é mensurada pelo nome das estrelas: Sol até 1mil reais, pollux, de 1001 a9.999 reais, Vega, de 10 mil a99 mil reais, Spica, de 100 mil a 499 mil reais e finalmente, a mais valorizada Antares, superestrela que nomeia os investimentos acima de 500 mil reais.

“Podemos ajudar novas empresas que estão sendo criadas, pagar bolsas de estudos, investir em laboratórios, entre outros projetos. São as áreas que compõem a missão da Universidade”, detalha Newton Frateschi, Diretor Executivo da Agência de Inovação da Unicamp (Inova) e presidente do Grupo de Trabalho criado para a implantação do fundo. Pretende-se não só criar um fundo, mas usar ele como fonte de financiamento²⁰, dessa forma atuação da Unicamp estaria mais próxima de um banco, do que uma universidade pública.

O fundo se estrutura por doações, que serão aplicadas e cujo rendimento será utilizado para financiar projetos dentro da Unicamp por uma gestão privada “responsável”.

A vantagem dessa modalidade de fundo é que a perenidade do patrimônio formado com os recursos obtidos pelas doações é garantida por uma organização gestora independente, responsável por captar doadores e investir os valores recebidos²¹ (MATEUS, 2020)

E quem toma conta de fundo? A “governança”, para usar os termos de seus documentos oficiais, é realizada por um conselho de administração²², um conselho fiscal e um comitê de investimentos.²³ Composta por 7 membros, tendo como presidente o Reitor da Unicamp, 3 docentes (1 escolhido entre os diretores de Unidades, e 2 que pertençam ao Conselho

18 site Funcamp. s/n.

19 MATEUS, Felipe. Unicamp lança Fundo Patrimonial Lumina e busca doadores.

20 Fernando Pacífico. Unicamp cria grupo para estudar participação em capital de empresas: 'Pensar no futuro'. (2020).

21 Idem 19.

22 Prof. Antônio José de Almeida Meirelles-Reitor e Presidente do Conselho, César Gon-CEO da CI&T, Prof. Newton Frateschi-Diretor Executivo da Inova Unicamp, Fabricio Bloisi-CEO da iFood, Dra. Marta Cristina Teixeira-Diretora do CPQBA, André Penha-CTO do QuintoAndar, Prof. Paulo César Montagner-FEF - Faculdade de Educação Física.

23 Idem 18.

Universitário) e 1 coordenador de Centros e Núcleos; e três representantes dos doadores.²⁴ Então essa gestão “independente”, não é tão independente assim, como já imaginávamos, tendo como controle do fundo os próprios doadores, chamando a atenção a Fabricio Bloisi – CEO da iFood, “a pior empresa do mundo”, nas palavras de ordem dos entregadores, seus funcionários. O sucesso da criação do Fundo Lumina é anunciado em outra reportagem:

Em uma semana de captações, foram R\$300 mil doados ao fundo, que tem o objetivo de contribuir com o financiamento de projetos e iniciativas da Universidade nas áreas de ensino, pesquisa, extensão e inovação. Os primeiros doadores incluem o reitor da Unicamp, Marcelo Knobel; professor Carlos Henrique de Brito Cruz, vice-presidente sênior da Elsevier; o CEO da CI&T, Cesar Gon; o CEO da Quinto Andar, André Penha; o CEO do Ifood, Fabrício Bloisi, entre outros ²⁵ (COLL, 2021).

O fundo é muito recente e os estudos sobre suas formas de funcionamento estão sendo realizados. Não é possível aqui uma análise pormenorizada do fundo patrimonial em si, o que se mostra muito necessário. Mas é preciso desde já trazer como um aspecto importante que revela ser uma brutal da transformação da universidade e que leva o sonho coletivo da “universidade socialmente referenciada e de qualidade”, para uma universidade socialmente administrada pela lógica da concorrência do mercado.

Como disseram Catini e Minto (2020) universidade empreendedora leva ao empreendedorismo docente, em seus grupos de pesquisas empreendendo com estudantes uma ideia com impacto social, e nesse sentido, tanto estudantes, docentes e trabalhadores e trabalhadoras da universidade, por meio de um impacto de choque elétrico, que vem da indução para inovação, vão se adequando para essa lógica de trabalho.

24 Idem 19

25 Matéria no portal da Unicamp, "Em uma semana de captações, Fundo Patrimonial Lumina recebe R\$300 mil." 2021, por Liana COLL.

5 “UNICÓRNIO” CAVALGANDO NA UNIVERSIDADE

A não preocupação com as finalidades sociais do conhecimento produzido se constitui em fator de ‘delinquência acadêmica’ ou de ‘traição do intelectual.’
Tragtenberg

A imagem do título, além de engraçada, por aludir a um “unicórnio” andando todo pomposo entre os institutos da Unicamp, é trágica, pois por onde esse alazão do mundo da fantasia passa, deixa as marcas das novas formas de expropriação, com o fantástico poder de tornar rentável a atividade de produção de conhecimento. Unicórnio é o nome que se costuma atribuir para startups que captaram investimentos superiores a 1 bilhão de dólares americanos. Se ele carrega consigo a derrota de um projeto de produção de conhecimento que poderia servir para algo além de enriquecer os bolsos de alguns, carrega também, para o lado oposto, a capacidade de fazer brilhar os olhinhos empreendedores, como de nosso ex reitor Knobel, que fica entusiasmado com o fato de poder “ver como o conhecimento se transforma em riqueza” (Correio Popular, 2021), em seu balanço de fim da gestão, referindo-se ao sucesso das “empresas filhas” da Unicamp.

“Empresa-filha” é a nomeação dada para os empreendimentos que têm como fundadores pessoas com vínculo com a Unicamp, seja ligação pelo trabalho ou pelos estudos. Tais empresas devem ter as modernas formas de *startups*, *spin offs*, etc e passam a ser consideradas “filhas” quando se enxerga, como oportunidade empreendedora, a possibilidade de que possam dar retornos financeiros e retribuir por terem se nutrido de sua mãe, a universidade pública, desse chão fértil que é a Unicamp. Em 2021 tais empresas tiveram um faturamento de 16 bilhões de reais, “o dobro do alcançado em 2020” (Kishi. 2021) e até setembro de 2021 haviam 1019 empresas-filhas “ativas”, sendo que desse total, a maioria é pequenas empresas. A atenção se volta, então, para o salto do faturamento, que vem do “crescimento das médias e grandes empresas, bem como das ‘unicórnios’” (idem).

No relatório anual da Agência Inova são apresentados valores totais, com o faturamento total e os empregos gerados por tais empresas, nas áreas nas quais estão fazendo mais inovação.

Os dados apresentados são muito sedutores, pois parecem somente comprovar que a Unicamp está trazendo benefícios para a sociedade, por meio de tecnologia de ponta, com pesquisadores formados na melhor universidade da América Latina. No entanto, como enfatizou Tragtenberg, “o ‘assistencialismo’ universitário não resolve o problema da maioria da população brasileira: o problema da terra” (2009, p.5). Muito pelo contrário, a tecnologia produzida está produzindo mais miséria e rebaixamento de salário da maioria, como observou Dagnino (2008), enfatizando que a tecnologia quando dá certo na universidade traz, entre outras mudanças, o rebaixamento de salário.

Para pensar como a produção de inovação pode gerar a riqueza de alguns, mas prolifera a pobreza de milhares, cumprindo a lei geral de acumulação capitalista (MARX, 2013), vamos analisar a “empresa-filha” mais famosa da Unicamp e que se expandiu para todo o Brasil, o I-Food. A princípio, podemos perceber como a inovação, que é o processo de alterar a base técnica do trabalho e alterar sua natureza, fez essa empresa gerar vantagens competitivas, se sobressair na concorrência e vencer a crise.

O Ifood diz que é mais que um aplicativo e em seu slogan “Comida é a nossa paixão. Tecnologia, o nosso talento”²⁶ mostra que a comida-mercadoria alimenta a paixão do capital, num sistema em que o brilhantismo é nos apontar uma solução técnica e inovadora para escoar a produção do serviço de entregas. A inovação no bojo desse processo se afirma na produção dos serviços como mercadorias, mas é colocada efetivamente em prática nos campos de batalha da concorrência, nos quais necessita se digladiar com outras empresas para criar competitividade e sair se beneficiando da crise.

O iFood – aplicativo brasileiro de delivery – anunciou, nesta terça-feira (13), o investimento de US\$ 500 milhões liderado pela Mobile, Naspers e Innova Capital. Os fundos de capital de risco investiram US\$ 400 milhões na Mobile, empresa que comprou o iFood em 2014 e que completou a quantia do aporte. O capital será utilizado nas operações do iFood.[...] O investimento é, de longe, o maior já recebido pelo aplicativo – até então, o iFood havia levantado US\$ 91,9 milhões. Com o anúncio, Fabricio Bloisi, CEO da Mobile, afirmou que o iFood e a Mobile já são unicórnios – startups com valor de mercado superior a US\$ 1 bilhão – desde março de 2017 (FREITAS, 2018).²⁷

26 Site institucional I FOOD.

27 Matéria Novo unicórnio brasileiro ifood recebe investimentos, de Taíná Freitas, 2018.

A empresa Movable começou como uma empresa junior na Unicamp²⁸ em 1998, e em 2017 já era proprietária dessas startups: PlayKids, Sympla, iFood, Rapiddo, MapLink, Apontador, SuperPlayer"²⁹. Quando o Ifood se tornou um “unicórnio”, foram anunciados os principais investidores

A Movable recebeu em julho deste ano uma rodada de investimento de US\$ 124 milhões. O montante foi investido na empresa por dois de seus principais acionistas, os fundos Naspers Ventures e o brasileiro Innova Capital - este último mantido por Jorge Paulo Lemann, o homem mais rico do Brasil.³⁰ (LIMA, 2018).

Neste sentido, Lemann é um sujeito que personifica essa figura capitalista, como empresário, investidor e acionista ao mesmo tempo e que, por isso, ganha uma espécie de “lugar de fala” para emitir opiniões sobre cervejas, hambúrgueres, logística, empresas de tecnologia, educação ou qualquer atividade que é alvo de sua ação empreendedora, independente do conteúdo dos trabalhos, demonstrando que é a abstração das atividades concretas que gera valor e amplia seus lucros. A qualidade dos produtos oferecidos à sociedade pouco importa, como é evidente.

Em uma matéria de 2021 intitulada “Não fomos suficientemente inovadores, diz Lemann”, trata de um evento organizado pela comunidade de estudantes de Boston em que Lemann fez uma autocrítica e se declara para o Fabrício Bloisi, do Ifood, invejando sua capacidade inovadora: “Não fomos suficientemente inovadores, nem tão centrados no consumidor, mas é difícil mudar a cultura de uma coisa tão grande, que já teve muito sucesso”, afirmou. “Estamos no caminho de fazê-lo agora”.

Essa tal capacidade que o I-FOOD tem de se adaptar as necessidades de maneira ágil, aumenta a velocidade que várias outras empresas precisam se transformar também, para não ficar para trás, neste sentido, transformando todo o meio de trabalho, das escolas, das universidades, dos serviços de entrega, e etc.

Em O capital, Marx se contrapõe a Stuart Mill, que dizia que as invenções mecânicas

28 Site institucional Movable.

29 G 1, matéria não assinada, 2017

30 Matéria: Movable e i Food anunciam que são os novos unicórnios brasileiros, 2018, por Mariana Lima.

gerariam mais tempo ocioso para o ser humano:

Como qualquer outro desenvolvimento da força produtiva do trabalho, ela deve baratear mercadorias e encurtar a parte da jornada de trabalho que o trabalhador necessita para si mesmo, a fim de prolongar a outra parte de sua jornada, que ele dá gratuitamente para o capitalista. Ela é meio para a produção de mais-valor.(MARX, 2013, p. 445)

Neste sentido, como um meio de produção, o desenvolvimento da maquinaria no capitalismo favorece o acúmulo de capital, a partir da exploração da força de trabalho, causando um processo histórico de redução de salário, demissão em massa e aumento da jornada de trabalho. Na Unicamp, com seu alto desenvolvimento tecnológico, ao mesmo tempo têm internamente, aumentado a produtividade, cortes na permanência estudantil e perdas de direitos com os contratos de trabalho terceirizado. Gerando na universidade uma discrepância de salários absurdas. Então a tecnologia gera melhoria para a sociedade?

“Embrulha o estômago, entregar comida com fome” é uma frase de um dos entregadores no documentário “Vidas entregues”, de 2019. Aqui aparece claramente a contradição do processo de inovação tecnológica, meio pelo qual se amplia a produtividade lucrativa, e se deplora ainda mais as condições de trabalho. Como na maquinaria de Marx, o processo de trabalho é tão simplificado que se torna uma atividade torturante, já que elimina o conteúdo do trabalho, barateando os custos da mercadoria força de trabalho. A simplificação também se reflete no uso de trabalho infantil:

Em janeiro deste ano, na segunda semana de trabalho, *Eduardo, de 15 anos, colidiu com um carro, na região da Faria Lima, uma importante avenida de São Paulo, quando estava a caminho de uma entrega. Ele presta serviços para as empresas Rappi e Ifood. “Eu machuquei o meu rosto, bati a cabeça no vidro e fiquei inconsciente. Chamaram a ambulância, ligaram para o meu pai e me levaram para o hospital. Quando eu fui para delegacia para fazer o boletim, a motorista do carro que bati perguntou para meu pai se eu não era muito novo para trabalhar com isso. Aí o policial falou para ela: ‘É melhor ele está trabalhando do que ele estar em casa fazendo nada ou até fazendo coisa errada’”³¹ (MUNIZ; CÍCERO, 2021).

E o policial atento a pergunta cruel do motorista ao pai de Eduardo, faz seu papel de mediador de conflitos, “é só mais um gerador de nota fiscal”, como tal quanto antes manter “ocupada”, pois a saída é a ordem, dentro da desordem do mundo em geral. Neste sentido, a

31 Matéria: Aplicativos de delivery: a nova faceta do trabalho infantil, por Bianca Muniz e José Cícero. 2021

punição do mundo do trabalho é você ter 15 anos, 12 anos, 30 anos e não ter tempo nem de sonhar, seja pela violência que o trabalho se tornou, seja pela sutileza de uma bomba, de assegurar que não se tenha perda de tempo.

O movimento grevista dos entregadores por aplicativos, que ficou com o nome de “Breque dos apps” nos anos de 2020 e 2021, tinha como pautas: o aumento do valor por KM, aumento do valor mínimo de cada entrega e o fim dos bloqueios indevidos, isto é, a exclusão algorítmica dos trabalhadores da empresa, que passa a ser feita automaticamente pelo meio de trabalho

Com a pandemia e o desemprego, os aplicativos estão ganhando como nunca. Em vez de repassarem o valor pra gente que tá na linha de frente, correndo risco de acidente e de pegar Covid, eles jogaram as taxas de entrega lá embaixo... (TRETA NO TRAMPO, 2020)³²

Como Marx (2013) disse na maquinaria, a manufatura deu os elementos técnicos e sucedeu a grande indústria, transformando os meios de trabalhos. Com isso, intensificou o trabalho, e no caso dos aplicativos aprimorou os elementos técnicos da incorporação da força de trabalho pelo automatismo do emprego e do desemprego, ainda mais uma indústria que diz que não tem vínculo empregatício e tem conseguido se manter com essa condição juridicamente, aumentando a intermitência do trabalho e rebaixando o salário geral. Institucionalizando o “bico”, portanto, como forma de vida.

Conversando com alguém que precisou trabalhar nos serviços de entrega das plataformas, todos dizem que estão ali de passagem, mas, ao mesmo tempo, que é difícil sair, pois o trabalho formal está chutando fora todo mundo, não lhe restando muita opção. E que depois da pandemia e a explosão do desemprego, o aumento da jornada de trabalho foi duplicada e mesmo assim não ganham mais o que ganhavam antes. E o preço o arroz e feijão só aumentam com a inflação, e cada vez fica mais difícil ter o básico necessário para a sobrevivência.

Como vimos, a inovação que é a saída da crise para os schumpeterianos, aparece também como capacidade de alta adaptabilidade, e introduzida à universidade faz com que o cientista e trabalhador da pesquisa tenha que criar uma tecnologia voltada para as exigências do “homem de negócios”, dentro de suas limitações, consegue fazer uma criação a serviço da vantagem

32 Panfleto do movimento “Treta no Trampo” da divulgação da paralisação do dia 1 de Julho de 2020.

competitiva. Para tanto, modifica-se o seu próprio modo de produção científica, voltada agora a criar vantagens na concorrência intracapitalista. Com isso, a universidade contribui para que a empresa inove e produza o desenvolvimento da produção da riqueza de uns poucos em detrimento da miséria geral. Seria importante pensar que a universidade poderia ter ações contra atuantes dos elementos que fomentam a pobreza, ao invés de dedicar-se à produção de riqueza.

Portanto, para inovar é preciso ter como pressuposto deixar seus “inimigos” para trás, para sair na frente e se aliar com segmentos empresariais que fomentam a inovação da produção para terem mais força no mercado concorrencial. Pois os inimigos são os outros.

E as mudanças no meio de trabalho são gerais e até em instituições públicas, como podemos observar da universidade, nas escolas, hospitais, privatizações gerais, lógica do mercado em todos os lugares. E a reforma administrativa que está quase sendo aprovada prova isso, mas antes caminhando acelerado as flexibilizações de trabalho estatais.

A tecnologia a serviço da dominação, reafirma o princípio da desigualdade como estruturação e manutenção da concorrência, tão necessária para a sobrevivência de capital. No modo de produção capitalista, a tecnologia é desenvolvida de acordo com os interesses da acumulação do capital e seus usos adentram o movimento desse “moinho satânico”, que historicamente vem produzido guerras, controle e extermínio de populações.

6 “INNOVATE OR DIE”?³³

A frase com binômio “Inove” ou “morra” foi dita com naturalidade na disciplina de graduação (1ºsem, 2021), que é ofertada semestralmente pela Agência Inova. O sentido empregado, e que justifica a frase para o palestrante, tem bases empíricas de questões comuns para quem trabalha com startups, diante das constantes e rápidas mudanças do mundo do trabalho, no qual não se adaptar e planejar o futuro para a inovação, significa morte na certa. E nesses termos, a oração inove ou morra, não é carregada da possibilidade de escolha entre “itens” devido estar determinada pelo risco da morte, e mesmo que o empreendedor inove, as possibilidades de estabilidade são mínimas no período atual do capitalismo, ameaçando, em outras palavras, a sobrevivência. Por isso que essa frase com sentido de ameaça, ganha nome de capítulo. Parece exagero pegar um aspecto de um curso para pensar a Unicamp, mas é um bom exemplo de como a universidade responde a altura da modernização de seu tempo.

Ressalto que só acompanhei as aulas do primeiro semestre de 2021 disponíveis no YouTube, e que a partir dessas aulas, criadas para estudantes da graduação, pude conhecer o “mundo dos negócios”, tal qual apresentado pela universidade pública. Com isso, foram feitos paralelos com a lógica da eliminação do capitalismo, em conjunto com análises de suas semelhanças com as relações de trabalho na universidade.

A disciplina foi criada em 2008, e desde então, a Agência Inova vem oferecendo semestralmente uma disciplina “gratuita, aberta para alunos da Unicamp e para a comunidade externa”³⁴ como ressalta o site da Agência Inova, e obviamente, divulgada nas mídias institucionais. O conteúdo que foi estudado na disciplina, anunciada na abertura foi: O que é Inovação, qual o papel da Inova Unicamp, propriedade intelectual, postura empreendedora e como criar uma equipe de sucesso, e tudo isso com aulas práticas com bastante atividade³⁵, pois como não se trata de uma disciplina teórica, a proposta do curso foi receber “pessoas de sucesso”, com diferentes perfis “empreendedores”, falando de suas experiências.

33 Aula 1, apresentação da disciplina. Vídeo disponível no Youtube canal :Inova Unicamp. 17 de Março de 2021.

34 Apresentação da disciplina da Inova Unicamp, disponível no site Inova Unicamp.

35 https://www.youtube.com/watch?v=4ILVPO_EmKQ&list=PLTtDmlvbQ4RI3QY8og-cPBleXs5o53JPz&index=11

A primeira crítica é a respeito da própria existência da disciplina na graduação com o objetivo de ensinar a função de uma Agência de Inovação e do empreendedorismo dentro da universidade, com 13 anos de processo de naturalização do ensino de conteúdos empresariais na comunidade acadêmica. Obviamente, existem muitas disciplinas passíveis de questionamentos dentro da Unicamp, mas elas existem justamente por estarem dentro dos currículos da universidade, os quais representam projetos de formação e se escolhem mediante critérios e normas aprovados pelos colegiados. Ao contrário, aqui a naturalização da tratativa do conteúdo se dá em nome da “neutralidade” da forma da administração, ou seja, só mais uma disciplina dentre várias, mais do mesmo. Existir uma disciplina criada pelo inova, mesmo que seja para falar deles próprios como peça central de um curso, expressa visão de universidade e a sociedade, que se volta aos princípios empresariais.

Desse modo, é “silenciado o discurso da educação, para que o poder fale sobre ela” (CHAUI, 2016), e neste sentido, as discussões de princípios políticos, vão para um segundo plano, em nome da adequação total a “técnica” de administrar e ser administrada (hoje denominada gestão), e seguindo com a Chauí, é tratada como técnica tão abstrata que ela é igual para escolas, para a Volkswagen, o Detran, a Bombril, etc, sem importar a natureza do objeto da gestão.

Nada há, do ponto de vista da administração, nada que individualize ou singularize esses “objetos”, pois são todos igualmente administráveis, isto é, organizáveis e planejáveis. CHAUI (2016, p.5)

A disciplina é toda online e, em sua primeira aula, após a contextualização geral do curso, são apresentadas as regras, o que é comum em qualquer começo de disciplina, como prática de demonstrar sua organização e ajudar na organização de estudantes. São apresentadas duas formas de avaliação. A primeira, ocorre ao final de cada encontro em que os alunos são solicitados a preencher um formulário para avaliar a aula, contando também como frequência. E a segunda diz respeito ao trabalho final da disciplina, com regra baseada na simulação de um “mundo dos negócios”: os projetos deverão ser feitas usando a metodologia Lean Canvas e pitch³⁶, por grupos de 3 a 6 estudantes. A proposta parte de uma simulação inspirada na lei do mercado, a competição, demandando que pessoas criem um projeto com tema “Modelo de negócios: gerando

³⁶ Lean Canvas é uma metodologia servindo para o planejamento para a estruturação de uma startup. Pitch, da tradução literal em inglês “arremessar”, é criar uma apresentação eficiente, que nela esteja escrita a melhor ideia com foco no investimento, nesse sentido também, uma espécie de denominação “chique” para uma apresentação de power point.

valor ao cliente”, pois devido à concorrência capitalista, o grupo precisa criar uma ideia com sucesso para ter vantagem competitiva e sobressair. Apenas as melhores propostas serão selecionadas para apresentação ao resto da turma.

É bom ressaltar, que essa “seleção” é baseada na escolha dos 15 melhores grupos, mas no semestre foram abertas 100 vagas para as quais se dirigiram 65 matrículas, então, pode-se imaginar que no fim das contas, ninguém foi excluída do processo, mas o “espírito” competitivo já estava no ar, pois para uma equipe empreendedora sobressaia, necessariamente algumas tem que ficar para trás, pois como afirma Silvia Viana (2011, p. 51), “em um mundo no qual o mercado é soberano e restrito, o ‘mecanismo de seleção’ que o define passa ao centro das relações sociais.” Se o mercado é soberano a eliminação se dá entre nós.

É possível fazer um paralelo com a pesquisa de Sílvia Viana (2011), pois ela aborda as caracterizações do período atual do capitalismo na perspectiva da “Indústria cultural” e para a autora os “reality shows” representam essa forma de espetáculo que repõe a lógica do trabalho, no qual “nós disputamos, eles selecionam” (VIANA, 2011). Guerra entre nós paz ao mercado, inversão sujeito objeto, dando vida aos sem vida, e o sujeito base da transformação histórica precisa estar o tempo todo “ocupado”, para não ser eliminado, precisa estar constantemente proativo, pois a qualquer momento pode surgir uma informação que pode alterar a regra do jogo, devendo desenvolver a “resiliência”, devendo dizer sim para todos os tipos de provas, passando fome, sede, pressões psicológicas. Para concretizar o ciclo do espetáculo é preciso muito engajamento dos telespectadores para avaliar quem sai, pois só uma regra do jogo é inflexível: será apenas um o vencedor, e todo resto será eliminado. Essa disciplina da Agência Inova seria, desse modo, uma expressão da lógica da eliminação dentro da universidade, em um mundo organizada pelo trabalho em que não cabem todo mundo, os tecnocratas faram outras maneiras de eliminação do inimigo que não se adéquam à universidade empreendedora.

Essa lógica de eliminação não está presente só nas propostas de avaliação, mas no conteúdo, e o que o conteúdo colado com a forma-empresa está dizendo? Que as apostas desse jogo precisam ser certas e as regras são ditadas pela lei do mercado e o vencedor é a empresa mais inovadora. Pois, como diz o palestrante, para ter inovação precisa ter impacto, e para conseguir impactar a sociedade é necessário entender os desejos do mercado.

É isso por que é assim, por que sim, entendeu? Como no slogan “Coca Cola é isso aí”, mencionado por Viana (2011), como se tratasse de uma história na qual não cabem porquês. Nas discussões das aulas em vários momentos as orações têm um tom imperativo e positivado, nesse sentido deixa lacunas e silêncios, modo pelo qual as especificidades são naturalizadas, generalizadas e chamadas de teoria, como uma concepção estática que propaga a todo sempre, ou seja, sem a negação, sem história. Um exemplo da aula: “Qual a missão da universidade? É formar talentos para as empresas”. Como explicita Chauí (2016, p. 247) a ideologia tem um movimento coerente, que por meio das lacunas oculta sua gênese, “deve aparecer como verdade já feita e já dada desde todo o sempre, como um “fato natural” ou como algo “eterno””. Nesse sentido, o que é apresentado como eterno é o capital e a universidade, naturalmente, deve formar prestadores de serviços desde sempre, seguindo seu “DNA” empresarial, tal qual mencionado anteriormente.

Como Tragtenberg (2009, p. 5) observou “a universidade vista como prestadora de serviços corre o risco de enquadrar-se numa ‘agência do poder’”. A noção que ronda é que é preciso formar gestores e gestoras, independente do que deve ser gerido, sem importar a natureza do trabalho. Então, tanto faz se tem dinheiro para pagar, se o gestor foi “arrebanhado na área militar”, como disse o palestrante da aula sobre “Mindset empreendedor” contando várias de suas experiências, tanto a de sua extensa formação de administração, até do momento em que resolveu empreender e ter uma empresa, além de também dar aulas de gestão de conflitos e negociações internacionais na FGV, ou trabalhar para as forças armadas angolanas na área de engenharia na cadeia de suplementos, nas negociações com fornecedores e trabalho na área de diplomacia, ou muitas outras atividades que o professor daquela aula considera “bem interessante, bem militar, bem bacana”.

Pois, como ele mesmo diz “O que é o empreendedorismo? Tirar os fantasmas da cabeça e ir em frente”, tudo é questão de jogo rápido, deixar o que nos assombrava no passado para as novas oportunidades entrarem, seja fazer prestar serviços para uma universidade, como para as forças armadas, como mesmo equivalente administrado, então tanto faz. Neste sentido, nosso futuro está todo administrado, encurtando o futuro, no sentido de fala Paulo Arantes (2014), como o palestrante diz: risco é importante sim, mas com responsabilidades, calculando, mas não pode ficar na inercia, tudo questão de jogo rápido. E nesse sentido como a universidade lida com riscos futuros?

Pouco importa o imprevisto, fundamental é que nada escape ao cálculo. E é esse o ponto em que o risco se desdobra, na forma da guerra e da calamidade, gerando a necessidade de mais cálculo até que o futuro seja trancafiado no presente, como em nossa distopia favorita, como em nossa realidade de patentes (VIANA, 2011, p.62)

E nesse período que o presente não apresenta mais vitórias, para a projeção do futuro é necessário assegurar alguma coisa que ainda temos, que é o presente rentável. Por exemplo, a Unicamp tem riscos de em 10 anos não ter mais orçamento para as nossas pesquisas...E o que podemos fazer para evitar ficar sem recursos? A resposta é automática: inovar e criar um fundo de investimentos privados e ficar dependente das doações. Pois o importante é assegurar a circulação de dinheiro, o fluxo de capitais rentáveis, o resto é perda de tempo para ser pensado.

A capacidade de alta adaptabilidade colocada em vigor de forma acelerada, em conjunto com as apostas no futuro modernizador e suas novidades tecnológicas se mistura com velhas práticas de uma sociedade dividida em classes, que depois de cercada a propriedade ela precisa ser protegida, e faz com que a decisão seja securitária, e se faz necessário exército armado para proteger das ameaças.

E como a universidade lida com ameaça? Construindo não um inimigo, mas uma questão perversa e belicosa, como no evento denominado “Jornada de Inovação Brasil-Israel”, no ano de 2019, para a qual a mesa de encerramento foi composta pela mediação do ex-reitor Prof. Marcelo Knobel, o cônsul-geral de Israel em São Paulo, Dori Goren e presidente do Instituto de Tecnologia de Israel (Technion) em Haifa Prof. Peretz Lavie³⁷. A pergunta que norteou o evento foi: “Como uma nação, cuja história é repleta de adversidades e desafios, se torna a nação mais conhecida globalmente por seu modelo de criação de startups?”

Pois as adversidades, no caso, as guerras, são o melhor negócio e os desafios de tecnologia de gestão para lidar com uma população que precisa ser governada gera conhecimento. Neste sentido Israel exporta “governo de populações ocupadas e o mundo inteiro tende a isso” como diz Paulo Arantes, com base na pesquisa de Jeff Houps, destacando o armamento tecnológico numa contrainsurgência permanente contra sua própria população, tal qual o autor interpreta modos de fazer a gestão das populações no Brasil (Paulo Arantes, 2019). O título da matéria é “Excelência na educação e inovação israelense foi debate na Unicamp”, na

37 Matéria disponível no canal da Unicamp, por Thais Oliveira, 2019.

qual se lê:

O primeiro, destacado pelo docente (Lavie), é o DNA israelense, que ele descreve como um perfil questionador e de pessoas que acreditam em tomar riscos em prol da busca pelo sucesso. “O segundo fator é a necessidade”, afirmou, descrevendo o país como uma região de extrema adversidade ambiental, permeada por grandes desertos e por conflitos armados. A qualidade dos recursos humanos foi o terceiro fator destacado. Lavie contou sobre o treinamento militar obrigatório a todos os israelenses e de como este período auxilia na maturidade dos jovens, sem tirar seu perfil questionador. O quarto fator, de grande importância, é o apoio do Governo, criando políticas públicas para facilitar a prática científica e o empreendedorismo. Israel investe 4,5% de seu PIB em pesquisa e desenvolvimento. Já o último fator, ele chamou de fator Technion: o papel diferenciado que a universidade mantém na promoção da educação para a inovação e o empreendedorismo³⁸ (OLIVEIRA, 2019).

Não se trata de um arsenal tecnológica criado com a finalidade de exterminar um povo, mas de um “DNA empreendedor” que se arrisca, e neste sentido se trata de uma racionalidade do risco, para as quais a eficiência e a excelência trabalham com a precisão de um revólver, com os corpos no chão. Pois tudo é questão de “tirar o fantasma da cabeça e seguir em frente”, assim como após o fim da ditadura e a vitória da ala democrática, qualquer oposição era já silenciada e administrada pela lei do mercado, e repressão vira palavra do passado, uma vez que também lá parecia não fazer mais sentido resistir, como diz Franklin Leopoldo e Silva (1997), uma vez que “não se trata de repressão, mas de racionalidade e eficiência. Quem resiste só pode fazê-lo em nome do corporativismo ou da preservação da meritocracia” (SILVA, 1997, p.30).

Ao obedecer às leis da concorrência mercantil, a universidade objetivamente está promovendo o que Florestan Fernandes alertou e Silva (1997) resgatou, usando o termo “fascistização” para falar dos controles internos do trabalho:

A fascistização é institucional, o que quer dizer que os critérios de racionalidade técnica e eficácia produtiva coincidem com elementos fortemente e intrinsecamente repressivos, institucionalmente interiorizados pela própria ideologia da eficiência produtivista e da sobrevivência dos mais aptos” (SILVA, 1997, p.30).

Essas mudanças no meio de trabalho universitário são perceptíveis e se radicalizam em determinados momentos históricos, e não são de agora, nas últimas décadas vem se adotando uma série de medidas administrativas em âmbito federal que vão conduzindo as universidades

38 idem

para o perigoso caminho do produtivismo vazio. Dentre estas medidas, a avaliação imposta aos departamentos por órgãos de fomento criam um clima que mistura assédio institucional com um ambiente de alta competitividade e cobrança entre os próprios trabalhadores.

Pontuação no CNPQ, se não atingir determinada pontuação, é todo o seu departamento que será rebaixado, vai agir em nome de uma solidariedade pelo departamento e vai começar a produzir loucamente, produzir vácuo. E o que vai acontecer com quem não produziu; todo departamento vai sofrer e todos se voltarão a essa pessoa, não necessariamente vão querer voltar contra a pessoa, mas objetivamente, por causa da regra do dispositivo de gestão de empresa posto na universidade, objetivamente todos são inimigos uns dos outros... (VIANA, 2021, 29 min)

Como trazem esses autores e autoras, as mudanças não são só nas ideias, ou não significa que o conjunto dos trabalhadores e trabalhadoras são fascistas, mas que com as mudanças da forma social com as regras da concorrência e eliminação, todo mundo passa a buscar o inimigo interno e externo, roubando dessa forma toda a identidade política entre nós, como afirma Silva (1997, p. 30) “acerca da tecnicização e do gerenciamento como estratégias de roubo da identidade política da Universidade”.

São muitos os casos que se explicitam aspirações fascistas no ambiente universitário. Podemos citar, no caso da Unicamp, alguns exemplos: diante das greves de trabalhadoras e trabalhadores, terceirizam tudo que é necessário para deixar a universidade aberta, segurança, limpeza, alimentação, laboratórios, fragmentando as lutas da linha de frente. Punições administrativas a estudantes que organizam a parada das aulas para a lutas e demandas de greves, prejudicando toda a sua vida acadêmica, mirados para servir de exemplo e apaziguar movimentos. A antiga gestão em 2019, demitiu o trabalhador terceirizado Sidnei, por lutar contra a demissão em massa com o fim de um contrato de trabalho de trabalhadores terceirizados, mas o conjunto da Unicamp não parou “a linha de produção” para a recontração de uma demissão política.

A fascistização dos ambientes internos, o conteúdo colado com a forma tem nos eliminado com eficiência. Agora a questão é: será que é um processo reversível?

7 CONCLUINDO...

A expansão do capitalismo no Brasil se dá introduzindo relações novas no arcaico e reproduzindo relações arcaicas no novo.

Francisco de Oliveira

Em uma terra que foi riscada pela invasão portuguesa, colonizada e no mapa uma nação foi criada³⁹, os colonizadores donos da matança geral, tem em suas mãos muito sangue de povos indígenas e de povos sequestrados de África, trazidos em verdadeiros contêineres pra cá . Mas no chão de feridas expostas ainda germina sementes, revoltas e motins do povo preto e indígena, a classe combatente e oprimida grita entre nós, pois o inimigo não cansa de vencer (BENJAMIN, 1987). Do mesmo modo, que o moinho satânico das incorporações técnicas para a acumulação, se transformou, com a incorporação de velhos “costumes”, da eliminação dos “descartáveis”, da rale dos não rentáveis.

“A tecnificação da sociedade avança e o número dos especialistas aumenta” (SCHWARZ, 94, p.3) e os engenheiros da universidade veem como uma mudança real, gerar vantagens competitivas “gourmetizando” o trabalho, dando uma sobrevida e uma valorização, mas que na próxima semana – ou no futuro próximo -, tende a ser rebaixada e incorporado mais rebaixamento dos salários gerais, deixando os complementos salariais nas mãos de quem vence a concorrência por investimentos em projetos empreendedores.

Sobre rebaixamento geral, vemos em nossa formação incorporada com a tecnologia da informação, causando uma aceleração dos processos formativos pelas informações diária e sangrenta, tendo valor até o próximo lançamento banal, dessa forma, rapidamente se torna efêmera e inútil. A prevalência da circulação de informação, em conjunto com muitas outras mudanças nas práticas educativas, propicia um esvaziamento de conteúdos e de sentidos que compõe os campos de conhecimentos científicos e universitários.

³⁹ Referência a Paulo Arantes(2014), quando diz que a ideia de risco surge em sociedades orientadas para o futuro, neste sentido, cartografando uma nação.

Na finalidade da rentabilidade do conhecimento como uma forma de ser da Unicamp, percebemos que um conteúdo que colado com a prática, está reafirmando os princípios da exclusão e eliminação entre nós, pesquisadores e pesquisadoras que passam a ser auxiliados pelos gerenciadores da inovação, fazendo pequenas empresas e grandes negócios. É interessante notar que o discurso ora naturaliza a ideia empresarial pela noção de que está em seu “DNA”, ora se aponta como ruptura que altera a forma social por quebrar a resistência da relação universidade e empresa. E vimos aqui como a articulação com empresas está alterando os fóruns de decisão, pela composição nos conselhos e pela própria posição da Universidade que torna seus meios de trabalho rentáveis, por meio do Fundo Patrimonial, mas também se torna a Universidade uma investidora em suas empresas-filhas.

Então o objetivo de uma universidade pública é formar estudantes para com alta eficiência gerar mais valia para a empresa? Formar professoras e professores com o objetivo de gerar lucro para empresários? Militar é sinônimo de ocupar lugares de “trabalho abstrato” e ser só mais equivalente administrado buscando contradições na dominação capitalista?

A universidade socialmente administrada pela lei da concorrência, tem retirado nosso folego para a luta, mas não estamos em tempos “normais”, e que nosso folego não se resuma em fazer textos como esse, com o propósito de receber o meu certificado de graduação, pois o “o que falta é a crítica independente, sem patrocinador nem interesse direto” (SCHWARZ, 1994, p. 4).

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ricardo Schinaider. O empreendedorismo em universidades. **Portal Com Ciência**. 2013. Disponível em: <<https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=90&id=1110>>. Acesso 21/10/2021.

ARANTES, Paulo Eduardo. **Esquerda e direita no espelho das ONGs**. Coleção sentimento da dialética. São Paulo: 2021. Disponível em <<https://sentimentodadialetica.org/dialetica/catalog/book/116>> acesso 09/12/2021.

ARANTES, Paulo Eduardo. **O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

ARANTES, Paulo Eduardo. O Último Círculo - Hipótese sobre a Catástrofe Brasileira. Canal **Adunicamp – Seção Sindical** no Youtube. 2019. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Mvp7kRgto68>> acesso 09/12/2021.

BEIJAMIN, Wallter. Teses sobre o conceito da história. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. In Walter Benjamin - **Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

CATINI. Carolina, MINTO, Lalo Watanabe. Um imperativo do presente: Future-se nas estaduais de SP?. **Le Monde Diplomatique Brasil**. 04 de agosto de 2020. Disponível em < <https://diplomatique.org.br/o-future-se-nas-universidades-estaduais-paulistas/> > Acesso 09/12/2021.

CATINI. Carolina; MELLO, Gustavo. Educação com amor no corpo. **Universidade a e esquerda**. 2021. Disponível em: < <https://universidadeaesquerda.com.br/educacao-com-amor-no-corpo/> > acesso 09/12/2021.

CIESP Campinas. CIESP-Campinas recebe Inova Unicamp e aborda a Inovação e o Empreendedorismo. **Portal CIESP-Campinas**. Disponível em: <https://www.ciespcampinas.org.br/site/noticias/836/2017/03/ciesp-campinas_recebe_inova_unicamp_e_aborda_a_inovacao_e_o_empreendedorismo>. Acesso em 24/11/2021

COLL, Liana. Em uma semana de captações, Fundo Patrimonial Lumina recebe R\$300 mil. **Portal UNICAMP**. 13 de abril de 2021. Disponível em:

<<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/04/13/em-uma-semana-de-captacoes-fundo-patrimonial-lumina-recebe-r300-mil>>. Acesso em 18/11/2021.

DAGNINO, Renato. Por que os “nossos” empresários não inovam? **Economia & Tecnologia** - Ano 04, Vol. 13 – Abril/Junho de 2008.

EWERS, Juliana. 15 anos de inovação. Jornal da UNICAMP. Edição web. 6 de agosto de 2018. Disponível em: < <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/08/06/15-anos-de-inovacao> > acesso 18/11/2021.

FINEP. HISTÓRICO. **Página do FINEP.** s/d. Disponível em: <<http://www.finep.gov.br/a-finep-externo/historico>>. Acesso 18/11/2021.

FREITAS, Tainá. Novo unicórnio brasileiro: iFood recebe investimento de US\$ 500 milhões. **Página do Estartse.** 2018. Disponível em: <<https://www.startse.com/noticia/startups/novo-unicornio-brasileiro-ifood-recebe-investimento-de-us-500-milhoes>> Acesso 09/12/2021.

G1. Dona do i Food recebe novo aporte de fundo de Jorge Paulo Lemann. **Página do G1.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/dona-do-ifood-recebe-novo-aporte-de-fundo-de-jorge-paulo-lemann.ghtml>> Acesso 09/12/2021.

INOVA UNICAMP. Conheça o Inova. **Canal da agência Inova UNICAMP no Youtube.** 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=htWROligzgA> > acesso 18/11/2021.

INOVA UNICAMP. Aula 1: Apresentação da disciplina. **Canal da agência Inova UNICAMP no Youtube.** 2021. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=htWROligzgA> > acesso 03/11/2021.

INOVA UNICAMP. A disciplina da Inova Unicamp. **INOVA UNICAMP,** s/d. Disponível em: <<https://www.inova.unicamp.br/disciplinas/>> Acesso em:28/11/2021.

KISHI, Kátia. A cultura de proteção da FEA. **INOVA UNICAMP.** 2019 Disponível em: <<https://www.inova.unicamp.br/2019/07/a-cultura-de-protecao-da-fea/>>. Acesso 18/11/2021.

KISHI, Kátia. Faturamento de empresas-filhas da Unicamp dobra e chega a 16 bilhões de reais. 2021. **INOVA UNICAMP.** Disponível em: < <https://www.inova.unicamp.br/2021/10/faturamento-de-empresas-filhas-da-unicamp->

dobra-e-chega-a-16-bilhoes-de-reais/?utm_source=wordpress&utm_medium=noticias&utm_campaign=site-unicamp-ventures >. Acesso 21/10/2021.

LUMINA. Portal fundo patrimonial Unicamp. s/d. Disponível em: <<https://www.funcamp.unicamp.br/fundolumina#missao>>. Acesso em 18/11/2021.

MARX, K. O Capital - Livro I – crítica da economia política: O processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATEUS, Felipe. Unicamp lança Fundo Patrimonial Lumina e busca doadores. **Portal UNICAMP**. 22 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/10/22/unicamp-lanca-fundo-patrimonial-lumina-e-busca-doadores>>. Acesso em 8/11/2021.

MINTO, Lalo Watanabe. A PANDEMIA NA EDUCAÇÃO: o presente contra o futuro? **Rev. Trabalho, Política e Sociedade**, Vol. 6, nº 10, p. 139-154, jun./2021.

MUNIZ, Bianca; Cícero, José. Aplicativos de delivery: a nova faceta do trabalho infantil. **PUBLICA**. 2021. Disponível em: <<https://apublica.org/2021/10/aplicativos-de-delivery-a-nova-faceta-do-trabalho-infantil/>> visto 03/12/2021

OLIVEIRA, Francisco. **Crítica a razão dualista: o ornitorrinco**. 1ªed. 4ªreimp. São Paulo,SP: Boitempo, 2013.

OLIVEIRA, Thais. Desafio Unicamp está com inscrições abertas para empreender com tecnologias da Universidade. **Portal UNICAMP**. 2021. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2021/03/10/desafio-unicamp-esta-com-inscricoes-abertas-para-empresender-com-tecnologias-da>>. Acesso em 21/10/2021.

OLIVEIRA, Thais. Meu maior aprendizado com o Desafio Unicamp foi: Não se nasce empreendedor, se aprende a ser um”, comenta Thierry Marcondes, vencedor em 2012. **INOVA UNICAMP**. Disponível em: <<https://www.inova.unicamp.br/desafio/meu-maior-aprendizado-com-o-desafio-unicamp-foi-nao-se-nasce-empresender-se-aprende-a-ser-um-comenta-thierry-marcondes-vencedor-em-2012/>>. Acesso em 21/10/2021.

OLIVEIRA, Thais. Excelência na educação e inovação israelense foi debate na Unicamp. **Canal UNICAMP**. 12 de fevereiro e 2019. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2019/02/12/excelencia-na-educacao-e-inovacao-israelense-foi-debate-na-unicamp>> Acesso em: 09/12/2021.

PACÍFICO, Fernando. Unicamp cria grupo para estudar participação em capital de empresas: 'Pensar no futuro'. **Portal G1**. 06 de junho de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2020/06/06/unicamp-cria-grupo-para-estudar-participacao-em-capital-de-empresas-pensar-no-futuro.ghtml>>. Acesso em 07/12/2021.

Página 22. Da Academia para o mercado. 2015 <<https://pagina22.com.br/2015/06/03/da-academia-para-o-mercado/>> 09/12/2021.

SANTIAGO, jr. Os tipos de inovação que devemos implantar em nossa vida. **Portal A Crítica**. 26 de março de 2016. Disponível em: < <https://www.acritica.com/blogs/jr-santiago/posts/os-tipos-de-inovacao-que-devemos-implantar-em-nossa-vida> > acesso 18/11/2021.

SCHUMPETER, Joseph. **TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE LUCROS, CAPITAL, CRÉDITO, JURO E O CICLO ECONÔMICO**. Tradução de Maria Sílvia Possas. Círculo do Livro Ltda. São Paulo – SP. 1997.

SCHWARZ, roberto. Nunca fomos tão engajados. **Folha de São Paulo**. São paulo: 26 de junho de 1994.

SILVA, Franklin Leopoldo. A experiência universitária entre dois liberalismos. **Tempo Social; rev. Social**. USP, S. Paulo 1-47, maio de 1999.

TRAGTENBERG, Maurício. Delinquência acadêmica. **Ponto-e-vírgula**. Ed. 5: 1-8, São Paulo. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14054> > acesso 09/12/2021.

Treta no Trampo. Pautas da Paralisação Nacional dos entregadores de APP. **Canal no Instagram tretanotrampo**. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CBj9qZAHQxP/>> Acesso em: 09/12/2021.

VIANA, Sílvia. #118 – Reality Show, Sílvia Viana. **Podcast: Filosofia pop**. 8 de março de 2021. Disponível em: < <https://filosofiapop.com.br/podcast/118-reality-show-silvia-viana/> > acesso 09/12/2021.

VIANA, Sílvia. **Rituais de sofrimento**. São Paulo: Boitempo, 2012.